

TRÁGICA AVENTURA NA AMAZÔNIA

2



André Nunes

André Nunes

Trágica Aventura na Amazônia 2 – A Nova Expedição

Rio de Janeiro
2024

Copyright© by André Lúcio de Faria Nunes

e-mail:

andre_nunes2010@yahoo.com.br

Dedico este livro à
pessoa que mais amo neste mundo,
minha filha Larissa Cardoso Nunes.

Que Deus a abençoe
por todos os dias de sua vida.

Agradecimentos

Meus agradecimentos vão para o meu amigo de infância Márcio Mendes Pinto e meu primo Carlos Daniel de Faria da Costa, este último também autor, pelo apoio que me deram, quando mencionei que escreveria um livro. Obrigado também a Kemmily da Silva Fernandes, por ter me estimulado a escrever esta sequência, ao citar que meu primeiro livro havia prendido a sua atenção e que não conseguia parar de lê-lo, tão instigante que era a narrativa.

Índice:

Dedicatória.....	003
Agradecimentos.....	004
Crocodilo na Gaiola.....	007
Montando a Equipe.....	020
O Pinguim Perdido.....	033
Mapinguari???	046
Emboscados.....	059
Esporão de Arraia.....	073
Um Corpo na Estrada.....	084
Perdidos.....	096
A Cidade Perdida.....	108

Cativos.....	121
A Casa na Árvore.....	133
O Eremita.....	147
Uma Nova Espécie.....	161
Onça de Tocaia.....	174
Madeireiros.....	185
Um Clandestino a Bordo.....	198
Um “Mabeco” de Estimação.....	211
Terremoto na Amazônia.....	223
O Hotel de Selva.....	234
O Evento.....	246
A Triste Despedida.....	259
Abandonado na Selva.....	271
De Volta ao Rio de Janeiro.....	286
Ilustrações.....	292

Crocodilo na Gaiola

Os anos se passaram como um rio que flui suavemente, cada dia trazendo novas experiências e aprendizados. Durante esse tempo, mantive meus compromissos com dona Silvana e Patrícia. Para garantir que minhas obrigações para com elas fossem cumpridas, decidi firmar tudo em cartório. Era uma maneira de assegurar que tudo fosse feito de maneira justa e transparente.

Um dos momentos mais gratificantes que tive após nossa aventura infeliz, foi a visita inesperada de Marcela, a filha de Aníbal. Ela me procurou na minha cobertura, um ano após meu encontro desagradável com seu irmão em Jacarepaguá. Sua visita foi uma surpresa, mas uma surpresa bem-vinda.

Marcela pediu desculpas pelo comportamento de seu irmão, naquela ocasião. Ela me assegurou que eu não tinha culpa pela morte de seu pai. Segundo ela, Aníbal havia cometido um erro de principiante, algo que ela descreveu como típico de um estagiário.

Em seguida, ela me fez um pedido. Marcela estava seguindo os passos do pai e havia se formado em biologia. Ela tinha grandes planos para sua carreira e queria se destacar em sua profissão. Para isso, ela me pediu as anotações de Aníbal. Eu entreguei a ela todos os blocos que eu tinha comigo, então ela agradeceu e se despediu.

Desde então, Marcela e eu mantivemos contato regularmente pelo WhatsApp. Nossas conversas eram frequentes e cheias de trocas de ideias e experiências. Foi uma conexão inesperada, mas uma que valorizo muito.

Mantive contato constante também com João e Jair. O que começou como um encontro ocasional na floresta, se transformou em uma amizade sólida e duradoura. Eles se tornaram mais do que apenas colegas, se tornaram bons amigos. Nossas conversas se estendiam por horas, abrangendo uma variedade de tópicos, desde trabalho até hobbies e interesses pessoais.

Com o tempo, João e Jair começaram a frequentar minha casa. Eles se tornaram convidados regulares, sempre bem-vindos para compartilhar piscina e bebidas, ou simplesmente para passar um tempo junto comigo. Nossas reuniões eram cheias de risadas e boas histórias, criando memórias que valorizo até hoje.

Em um dos churrascos de domingo que eu costumava organizar, especificamente em janeiro de 2015, João e Jair me abordaram com um pedido especial. Enquanto saboreávamos a carne suculenta e nos deliciávamos com a companhia um do outro, eles expressaram o desejo de visitar a mãe na Amazônia.

Eles me disseram, com uma certa nostalgia em seus olhos, que desde que se mudaram para o Rio de Janeiro, só conseguiram ir à casa dela, duas vezes. A distância e as demandas da vida na cidade grande tornaram as visitas à sua cidade natal um luxo raro.

Eles me pediram, caso eu tivesse planos de voltar à Amazônia, que os levasse junto, para que pudessem rever a mãe. O pedido deles, embora inesperado, ressoou comigo. Eu podia entender a saudade que sentiam, a necessidade de se reconectar com suas raízes.

Prometi a eles que, se eu tivesse a oportunidade de voltar à Amazônia, faria o possível para levá-los comigo. Afinal, a família é importante, e eu estava mais do que disposto a ajudá-los a reatar esses laços preciosos. E assim, em meio à fumaça do churrasco e ao som de risadas, selamos nosso acordo com um brinde à família, à amizade e às aventuras futuras.

Só que não havia previsão de data para eu ir.

Com um sorriso no rosto, compartilhei com João e Jair que eu tinha feito contato com a prefeitura de Melgaço, e que estava negociando para nomear uma rua na cidade em homenagem ao Aníbal. Essa seria uma maneira apropriada de honrar sua memória.

Já tinha feito vários contatos, conversado com várias pessoas, na tentativa de tornar essa homenagem uma realidade. Finalmente, um secretário do prefeito me convidou para uma reunião no município, para discutir o assunto. Era uma oportunidade que eu não podia recusar.

Eu disse ao secretário que, assim que pudesse ir, avisaria. Eu sabia que a viagem seria longa e exigiria algum planejamento, mas estava disposto a fazer o esforço. Afinal, era uma causa que valia a pena.

João e Jair pareceram animados com a notícia. Eles sabiam o quanto Aníbal significava para mim, e a ideia de

homenageá-lo dessa maneira parecia tocá-los. E assim, em meio à fumaça do churrasco e ao som das risadas, começamos a planejar nossa próxima grande aventura juntos.

- Por que o senhor não vai mês que vem? Eu e meu irmão vamos estar de férias em fevereiro.

- Vou pensar com carinho e te falo, ok?

Naquela noite, enquanto me deitava na cama, as palavras de João ecoavam em minha mente. A perspectiva da viagem, a possibilidade de revisitar a Amazônia, trouxe à tona memórias que eu havia guardado cuidadosamente em um canto escuro do meu ser.

Eu tinha adiado essa viagem por muito tempo, temendo o que poderia acontecer, se eu voltasse. A última expedição tinha sido trágica, marcada por momentos terríveis que ainda me assombravam. Eu não sabia como reagiria ao reviver esses momentos, ao confrontar os fantasmas desse passado.

Mas agora, com a possibilidade de uma nova viagem se aproximando, eu sabia que não podia mais adiar. Eu teria que enfrentar meus medos, teria que confrontar as memórias dolorosas que eu tanto evitava.

Enquanto a noite avançava, eu me encontrava em uma batalha interna. Por um lado, eu estava ansioso pela viagem, pela chance de homenagear Aníbal e de ajudar João e Jair a visitar a mãe. Por outro lado, eu temia o que essa viagem poderia desencadear dentro de mim.

A Amazônia, com sua vastidão e diversidade, também abriga uma série de perigos que podem ser fatais. A maior causa de mortes na região são os afogamentos. Isso pode ser atribuído à presença de numerosos rios e corpos d'água, bem como às condições muitas vezes imprevisíveis e traiçoeiras dessas águas.

Em segundo lugar, estão as doenças tropicais. A Amazônia é um caldeirão de biodiversidade, o que infelizmente inclui uma variedade de patógenos e vetores de doenças. Malária, febre amarela e dengue são apenas algumas das doenças tropicais que podem ser encontradas na região.

Em terceiro lugar, temos as picadas de animais peçonhentos. A floresta amazônica é lar de uma variedade de criaturas venenosas, incluindo cobras, aranhas e escorpiões. Uma picada ou mordida desses animais pode ser extremamente perigosa, se não fatal, se não for tratada rapidamente.

Além dessas causas, há ainda os homicídios, que, infelizmente, não são raros. A região tem lutado com altas taxas de violência e criminalidade, muitas vezes ligadas a conflitos por terra e exploração ilegal de recursos.

Por fim, há também o risco de ataques de animais selvagens. Embora menos comuns, esses incidentes podem ocorrer, especialmente em áreas mais remotas da floresta.

Esses riscos, no entanto, não diminuem a beleza e a importância da Amazônia. Eles apenas servem como um lembrete de que devemos sempre respeitar e entender o

ambiente em que estamos, especialmente quando esse ambiente é um dos mais complexos e diversos do planeta.

A decisão de retornar à Amazônia não foi fácil. As memórias da última expedição ainda estavam frescas em minha mente, e o medo de reviver aqueles momentos terríveis era real. Mas eu sabia que tinha que fazer isso. Por Aníbal.

A ideia de nomear um crocodilo da Amazônia em sua homenagem surgiu, mas infelizmente, não foi possível concretizá-la. Mas então apareceu a oportunidade de nomear uma rua. Parecia apropriado. Aníbal sempre amou a Amazônia, e ter uma rua com seu nome seria uma maneira de eternizar sua conexão com esse lugar.

E então, veio o pedido dos irmãos paraenses, João e Jair. Eles queriam visitar a mãe, e me pediram para levá-los comigo em minha próxima viagem à Amazônia. No início, hesitei. Mas então, lembrei-me do ditado: a maior maneira de vencer o medo é enfrentando-o.

Então, decidi ceder ao pedido deles. Decidi que era hora de enfrentar meus medos e voltar à região.

Decidi quebrar o protocolo mais uma vez, pegando o telefone e discando diretamente para Rogério e Bernardo. Eu sabia que era uma medida incomum, mas senti que a situação justificava.

Expliquei a eles que estava planejando uma viagem de volta à Amazônia. No entanto, seria uma viagem rápida, nada comparado com a expedição que havíamos feito anos antes. Os riscos, eu assegurei a eles, estariam bem minimizados. Não estaríamos mais procurando pelo

“mabeco”, a criatura misteriosa que havia sido o foco de nossa expedição em 2008.

Bernardo, que havia sido dispensado da agência de segurança, agora prestava serviços esporádicos em comércios no bairro onde morava. Ele expressou sua preocupação de que, se fosse conosco, poderia perder essa oportunidade de trabalho, essa “boquinha”, como ele mesmo chamou.

Eu entendi sua posição e respeitei sua decisão. Afinal, todos nós temos nossas responsabilidades e compromissos. Mas, apesar da ausência de Bernardo, eu sabia que a viagem seria uma aventura memorável. E, quem sabe, talvez até uma oportunidade para enfrentar e superar os fantasmas do passado.

Rogério, sem hesitar, aceitou o convite. Seu espírito aventureiro era evidente, e ele parecia ansioso pela oportunidade de embarcar em outra jornada. Felipe, o segurança que eu tinha tentado levar na primeira expedição, mas que não pôde ir, desta vez mostrou interesse. Ele estava desempregado e precisando de dinheiro, tendo se desligado recentemente da empresa. Precisava de dinheiro urgente, para pagar a pensão dos filhos, pois havia se separado de sua esposa.

Então, peguei o telefone e liguei para a agência de segurança. Expliquei a situação e manifestei meu interesse em ter Rogério na equipe. Eles foram receptivos e, no mesmo dia, retornaram com uma resposta positiva.

Assim, ficou decidido. Desta vez, teríamos Rogério e Felipe para garantir a segurança da equipe. Eu sentia que,

com eles a bordo, estaríamos bem preparados para enfrentar qualquer desafio que a Amazônia pudesse nos apresentar.

Não teríamos Estevão como nosso médico a bordo desta vez. Ele foi firme em sua decisão e tentou me dissuadir de ir, apontando os riscos inerentes, mesmo sendo uma viagem breve. No entanto, ao perceber minha determinação inabalável, ele sugeriu uma alternativa.

Ele me indicou a Dr^a Aleida, uma ex-funcionária de seu consultório. Eu já a conhecia de vista. Ela era uma clínica geral paulista. Uma profissional competente e dedicada. Na época, ela tinha 43 anos e uma vasta experiência na área.

Ele passou o telefone para ela, que me cobrou uma fortuna, mas não chiei, dadas as circunstâncias.

Matheus seria nosso guia novamente. Eu deveria pegar ele e Thiago na aldeia. Thiago seria o auxiliar de serviços gerais. Como parte de seu pagamento, ele fez um pedido especial. Queria que eu levasse sementes de hortaliças para a tribo. Eles não tinham acesso a essas sementes por lá, e Thiago queria começar a cultivar algumas plantas, como abobrinha, couve-flor e berinjela. Era um pedido simples, mas significativo, e eu estava mais do que feliz em atendê-lo.

Xavier encontrava-se fora do país.

Horácio, com sua experiência e habilidade, mais uma vez assumiria o comando do iate. Sua presença no leme nos dava confiança, sabendo que estávamos em mãos seguras.

Leonardo, que antes trabalhava com o pai, agora estava bem empregado e comprometido com seu novo emprego. Ele havia se tornado um profissional respeitado em seu campo. Embora não pudesse se juntar a nós desta vez, sabíamos que ele estaria torcendo pelo nosso sucesso.

O Leviaã II, nosso confiável iate, estava programado para partir em 3 de fevereiro de 2015, uma terça-feira. A viagem seria realizada próximo à costa, com poucas paradas. As poucas vezes que desembarcaríamos, seriam para reabastecer o barco ou comprar suprimentos essenciais.

Eu estava com pressa. Havia um senso de urgência que permeava todos os aspectos da viagem. Todo o trajeto, desde a partida até o retorno, deveria ser feito em menos de um mês. Jair e João, que estariam conosco na viagem, precisavam voltar a trabalhar em março. Portanto, era crucial que mantivéssemos nosso cronograma.

Mas em meio aos preparativos para a nova expedição, algo inesperado aconteceu, que mudou drasticamente os termos da viagem. Recebi um e-mail de uma pessoa que se identificou apenas como “Mabecoman”. A princípio, pareceu-me uma piada de mau gosto, talvez até uma brincadeira de alguém que sabia da nossa busca pelo “mabeco”.

No entanto, os textos subsequentes que recebi desse indivíduo misterioso, me deixaram perplexo. Ele alegava ter capturado um crocodilo na Amazônia. Não apenas isso, mas ele também forneceu detalhes específicos sobre as características do réptil, demonstrando um conhecimento

profundo, que eliminava qualquer dúvida de que ele sabia a diferença entre um jacaré de grande porte e um crocodilo.

Essa revelação foi um choque. Se fosse verdade, poderia significar que estávamos mais perto do que nunca de ter acesso ao “mabeco”. Mas também levantava uma série de novas questões e preocupações. Quem era esse “Mabecoman”? Como ele conseguiu encontrar o crocodilo da Amazônia? E o que ele planejava fazer com ele?

A próxima mensagem de “Mabecoman” foi ainda mais surpreendente. Ele reiterou seu conhecimento sobre a expedição infrutífera que eu havia realizado na Amazônia em 2008. A missão, como ele sabia, era capturar e catalogar o raro crocodilo que estávamos procurando.

Então, ele fez uma proposta audaciosa. Ele afirmou que, se eu lhe pagasse 5 milhões de reais, o réptil seria meu e que eu poderia fazer o que bem entendesse com ele.

Essa proposta, embora tentadora, também levantava uma série de questões éticas e práticas. A compra e venda de animais selvagens é estritamente regulamentada por lei, e eu teria que considerar cuidadosamente as implicações de tal ação.

Respondi ao “Mabecoman”, expressando meu interesse em negociar, mas com uma condição: eu precisava de uma prova concreta, para validar suas alegações. Para minha surpresa, ele não demorou a responder.

Sem hesitação, o homem me enviou uma filmagem do “mabeco”. O vídeo mostrava o réptil aprisionado em uma grade de metal, rente a um lago.

Sem perder tempo, encaminhei o vídeo para Marcela, a filha de Aníbal. Ela, sendo bióloga e tendo as anotações de seu pai sobre o “mabeco”, seria capaz de confirmar se o réptil no vídeo era realmente a espécie que estávamos procurando.

A resposta de Marcela foi surpreendente. Ela me disse, com cem por cento de certeza, que o réptil no vídeo era de fato uma espécie desconhecida de crocodilo. Foi uma revelação emocionante, trazendo uma nova esperança para nossa busca pelo “mabeco”.

Mas Marcela não parou por aí. Ela me intimou a levá-la na nova expedição. Ela queria seguir os passos de seu pai e contribuir para a pesquisa sobre o “mabeco”. Eu consenti imediatamente. Ter Marcela conosco na expedição seria uma grande vantagem, dada sua formação em biologia e sua conexão pessoal com a missão.

Com a confirmação de Marcela e a proposta do “Mabecoman”, eu sabia que precisava de aconselhamento jurídico. Liguei imediatamente para Roberto, meu advogado de confiança. Expliquei a situação e perguntei se o que eu estava planejando era legal.

- Sim, já que você não pretende causar nenhum dano ao animal. Em termos jurídicos, não há nada que te proíba de pagar para ter acesso ao crocodilo, na intenção de levá-lo às vistas da comunidade científica. É inclusive louvável, sua intenção.

- Quero você comigo, nisso. Precisarei do seu respaldo.

- É um convite de passeio ou de trabalho?

- Trabalho é claro. Seu ganancioso.

- Estou dentro. Quando partimos?
- No dia 3 de fevereiro.
- É para ir à caráter ou coloco minha fantasia de Carnaval?
- Engraçadinho!!! Voltamos a nos falar em breve.

Desliguei a ligação e já tornei a usar o telefone celular, desta vez discando o número de Carlos, meu amigo e sócio da empreiteira onde trabalhavam João e Jair. Ele atendeu.

- Fala, Álvaro. O que você manda?
- Me diga sem rodeios, alguma possibilidade de você liberar João e Jair do trabalho por alguns meses?
- Liberar? Complicado. Eu tenho sócios. Mas posso demitir os dois e voltar a empregar quando for o caso.
- Tem certeza? Não te acarretaria problemas?
- Problema nenhum. Certeza absoluta.
- Te amo, cara. Vou consultar eles para ver se concordam e volto a entrar em contato com você.
- Mas espera aí... não me deixe curioso. Qual o motivo disso?
- Vou precisar deles trabalhando para mim por algum tempo.
- Em que função?
- Qualquer uma. Tenho outra expedição programada para a Amazônia.
- Você enlouqueceu?
- Grande abraço.

Depois de desligar a ligação com Carlos, peguei meu celular e disquei o número de João. Tivemos uma conversa rápida, mas eficaz, e ele concordou com as novas condições. Fiz o mesmo com cada um dos integrantes da nova expedição, com quem já havia negociado antes.

Expliquei a todos que os planos haviam mudado. Nosso destino agora seria o Lago Surará, no estado do Amazonas. Devido à natureza imprevisível de nossa missão, avisei que a expedição provavelmente se estenderia por mais de um mês, contrariando o que havíamos combinado anteriormente.

Deixei claro que, se alguém quisesse desistir devido às mudanças, essa era a hora. No entanto, para minha satisfação, ninguém desistiu. Todos estavam comprometidos com a missão e prontos para enfrentar os desafios que viriam pela frente.



Montando a Equipe

Quando os termos da nossa viagem mudaram, Matheus, sempre calmo e ponderado, fez apenas uma exigência. Ele queria que, além de Thiago, eu desse trabalho também a um amigo seu. Este amigo, um jovem chamado Marcos, residia em Salvaterra, uma cidade pitoresca, conhecida por sua beleza natural e rica cultura.

Marcos era membro da Comunidade Quilombola Deus Ajude, uma comunidade vibrante e unida que preservava orgulhosamente suas tradições e cultura. Ele era conhecido por sua dedicação ao trabalho e seu profundo respeito pela natureza, qualidades que o tornavam um excelente candidato para se juntar à nossa equipe.

A ideia era que Marcos e Thiago dividissem as tarefas como auxiliares de serviços gerais. Eles seriam responsáveis por uma variedade de tarefas. Sua presença não só aliviaria o fardo do trabalho, mas também traria uma nova perspectiva e energia para a equipe.

Depois de considerar a proposta de Matheus, concordei. Sabia que a inclusão de Marcos seria benéfica para nosso grupo. Além disso, respeitava a opinião de Matheus e confiava em seu julgamento.

Horácio já havia me indicado um substituto para o seu filho. O nome dele era Arthur. Assim como Leonardo, Arthur não era apenas um bom mecânico, mas também um piloto habilidoso.

A primeira vez que encontrei Arthur, foi na casa de Horácio. Foi lá que fiz uma breve entrevista com o mecânico. Ele falou com convicção sobre suas habilidades e experiências. Ele tinha uma certa arrogância em sua voz, mas não era o tipo de arrogância que vem da ignorância. Era a prepotência de alguém que sabe o que é capaz de fazer.

Apesar de não ter gostado da postura dele, decidi fechar com Arthur. A razão para minha decisão foi simples: Horácio tinha plena confiança nele. Nosso capitão é um homem que conhece pessoas e máquinas. Se ele confiava em Arthur, eu também deveria confiar.

Desta vez, decidi que não iria mais depender de um fotógrafo/cinegrafista amador. Era hora de elevar o nível da equipe e trazer profissionais especializados para cada segmento. Com essa decisão em mente, comecei a busca pelos melhores talentos disponíveis.

O primeiro a ser contratado foi o fotógrafo. Seu nome era Fábio, um jovem de 28 anos com uma aparência que lembrava um nerd. Ele era um verdadeiro mestre da luz e da sombra, capaz de transformar uma cena comum em uma imagem deslumbrante.

Já para a filmagem, escolhi o sr. Fernando, um experiente profissional de 52 anos, com décadas de experiência no campo, inclusive já tendo passado por algumas emissoras de TV. Fernando era famoso por sua habilidade de capturar momentos e emoções com sua câmera e por sua dedicação em transformar cada cena em uma obra de arte visual.

É claro que eu já pretendia chamar o Erasmo para fazer parte desta nova expedição. Eu já tinha planos de convidá-lo, mas ele se antecipou. Apareceu na minha cobertura e praticamente me intimou a levá-lo. Com seu jeito direto e decidido, ele deixou claro que não aceitaria ser deixado de fora desta vez.

Erasmo, como muitos já sabem, é um botânico. Sua paixão por plantas e sua habilidade em identificar e catalogar espécies raras são inigualáveis. Ele seria uma adição valiosa à equipe, trazendo seu conhecimento e experiência para a expedição.

Mas Erasmo não veio sozinho. Ele me apresentou a Renata, uma chef de cozinha de 33 anos. Renata era enteada de Erasmo, e, como ele, compartilhava uma paixão por seu ofício. Ela tinha um talento especial para transformar ingredientes simples em pratos deliciosos e nutritivos. Sua habilidade seria essencial para manter a equipe bem alimentada durante a viagem.

Ficou determinado que João e Jair ficariam na faxina. Mas agora, a grande surpresa... na véspera do dia do embarque, recebi uma ligação. O bina do meu celular mostrava com clareza que era Silvana quem me ligava. Atendi com satisfação. É sempre muito bom falar com ela.

- Boa tarde Silvana. No que posso te ajudar, minha amiga?

- Muito boa tarde, sr. Álvaro. Vai me ajudar sim, com certeza.

- Então diga lá, pra eu já ir providenciando.

- Olha, o senhor vai aceitar uma turistinha nessa sua nova expedição.

- S3rio? Quem seria?
- Minha irm3.
- Silmara? Ela quer matar a saudade da Amaz3nia?
- N3o se faa de ing4nuo, sr. 3lvaro. O senhor sabe que o motivo 4 outro. 4 pra ficar de olho no meu marid3o.

Dei uma gargalhada e aceitei receber Silmara em mais esta viagem. Tem bem poucas coisas que eu negaria a Silvana. Tudo acertado, desliguei o telefone.

Mas voc4s devem estar curiosos, tentando imaginar quem seria o esposo de Silvana, que embarcaria nesta aventura. Deixa eu lhes contar uma hist3ria... sem que ningu4m soubesse, ou pelo menos eu, que realmente nunca tinha desconfiado, Silvana e Rog3rio tiveram um relacionamento 3s escondidas durante nossa expedi33o anterior. Esse "namoro" concebeu uma princesinha linda, chamada Laura. Quando a menina nasceu, Rog3rio decidiu assumir definitivamente o relacionamento, e os dois se casaram. Silvana, ciumenta que era, n3o ia deixar o marido livre, leve e solto na viagem. Silmara ficaria de olho no cunhado enquanto a irm3 tocava o sal3o de beleza.

A equipe estava formada:

3lvaro (57 anos) – Empres3rio;

Roberto (45 anos) – Advogado;

Aleida (43 anos) – M3dica;

Marcela (38 anos) – Bi3loga;

Erasmus (54 anos) – Bot3nico;

Matheus (48 anos) – Guia de Turismo;

Rogério (42 anos) – Segurança;
Felipe (39 anos) – Segurança;
Horácio (47 anos) – Barqueiro;
Arthur (60 anos) – Mecânico;
Silmara (35 anos) – Observadora;
Thiago (31 anos) – Auxiliar de Serviços Gerais;
Marcos (25 anos) – Auxiliar de Serviços Gerais;
Renata (33 anos) – Cozinheira;
João (35 anos) – Faxineiro;
Jair (34 anos) – Faxineiro;
Fernando (52 anos) – Cinegrafista;
Fábio (28 anos) – Fotógrafo;

Ainda bem que, três anos atrás, o iate havia sido devidamente adaptado para acomodar um número maior de participantes, já prevendo que algo assim ocorreria.

Finalmente, o dia tão aguardado chegou, trazendo consigo uma mistura de ansiedade e expectativa. O sol já estava alto no céu quando cheguei à Marina da Glória, por volta das 11 horas. O local estava agitado com a energia palpável da aventura iminente.

Ao meu redor, a tripulação reunida estava ocupada com os preparativos finais. Quase todos os convocados, desde os veteranos experientes até os novatos ansiosos, estava lá. Eles estavam verificando o equipamento, repassando os planos e se preparando mentalmente para a jornada que estava prestes a começar.

No entanto, uma ausência notável era Erasmo. Justo ele, que desde a expedição anterior, não perdia uma oportunidade de me intimar a levá-lo. Era curioso, para dizer o mínimo. Erasmo, sempre tão ansioso e entusiasmado, era o único que ainda não havia chegado. Mas eu sabia que ele não perderia isso por nada neste mundo.

No exato momento em que eu ia pegar meu celular para ligar para nosso botânico, uma figura familiar apareceu à distância. Era ele, correndo em nossa direção com um olhar de constrangimento no rosto. Chegou ofegante, pedindo mil desculpas pelo atraso, explicando que um imprevisto o havia retido.

Enquanto ele se desculpava, olhei para o grupo reunido diante do iate. Eles já haviam tido a oportunidade de se conhecer e se apresentar uns aos outros, antes da minha chegada. Agora, só faltava apresentar Erasmo.

Sem perder tempo, fiz as apresentações, destacando sua experiência e conhecimento como botânico. Todos acenaram com a cabeça ou cumprimentaram Erasmo com um aperto de mão.

No entanto, houve algumas exceções. Rogério e Silmara, que já haviam tido um breve contato com Erasmo na minha cobertura na véspera da excursão original, apenas acenaram para ele com um sorriso reconhecível. E, claro, Renata, a enteada dele, que por motivos óbvios, já conhecia Erasmo.

Com um sorriso no rosto, me aproximei de Roberto. Ele estava parado perto do iate, olhando para o horizonte com

uma expressão pensativa, mas ao perceber que eu estava rindo, se virou e me olhou com uma expressão de confusão.

- O que foi? Qual a graça? - ele perguntou, franzindo a testa em perplexidade.

Eu ri novamente, apontando para suas pernas.

- Nada, não... é que nunca tinha te visto de bermuda. Todas as vezes que estive contigo, você estava de terno e gravata. - eu disse.

Roberto olhou para baixo, como se só agora percebesse que estava de bermuda. Ele então deu de ombros e riu junto comigo.

- Claro, sou advogado. - ele disse, como se isso explicasse tudo. E de certa forma, explicava. Roberto era conhecido por sua postura profissional e sempre se vestia de maneira impecável. Vê-lo de bermuda, pronto para uma aventura na selva, era uma visão inusitada, mas bem-vinda. Afinal, estávamos todos ali para sair de nossa zona de conforto e enfrentar o desconhecido.

- Esses seus caniços são uma graça.

- Até parece que você tem coxas grossas.

Fábio, nosso fotógrafo, tinha um olho para momentos especiais. Antes de embarcarmos, ele sugeriu que tirássemos uma foto do grupo em frente ao iate. Com um sorriso no rosto, ajustou sua câmera, ativou o temporizador e correu para se juntar a nós.

Ali estávamos, a tripulação do Leviatã II, alinhados em frente ao nosso navio, prontos para embarcar na aventura de nossas vidas. O sol brilhava sobre nós, lançando uma luz dourada sobre a cena. Todos estavam sorrindo, ansiosos e animados com a jornada que estava prestes a começar.

E então, o clique da câmera soou, capturando aquele momento perfeito. Quando Fábio nos mostrou a foto, ficamos todos impressionados. Era espetacular, capturando perfeitamente a emoção e a antecipação que todos sentíamos.

Mas quem realmente se destacou na foto, foi Arthur. Ele, que normalmente mantinha uma expressão séria, também estava sorrindo. Foi uma visão surpreendente e tocante. Aquela seria a primeira e última vez que eu o veria rir.

A foto se tornou uma lembrança preciosa, um lembrete da alegria e da esperança que sentíamos antes de embarcar em nossa jornada. E mesmo com os desafios que enfrentaríamos mais tarde, aquele momento de felicidade compartilhada permaneceria conosco, um farol de luz em meio à tempestade.

- Vamos lá, pessoal... todo mundo para dentro do barco.

Horácio, com sua postura de capitão da embarcação, foi o primeiro a subir a bordo do Leviatã II. Com uma mão firme e um sorriso encorajador, ele auxiliou cada membro da expedição a embarcar no iate. Sua presença era uma fonte de conforto e segurança para todos, especialmente para aqueles que estavam embarcando em uma expedição pela primeira vez.

Enquanto isso, João e Jair, nossos incansáveis trabalhadores, já haviam cuidado de todos os preparativos. Desde cedo, eles haviam carregado todos os pertences da equipe para dentro do iate. Cada item, desde o equipamento de pesquisa até as roupas pessoais, foi cuidadosamente guardado em seus devidos lugares.

Mas não foram apenas dos pertences pessoais, que João e Jair cuidaram. Eles também haviam feito as compras de mercado e hortifrúti. Cada alimento, desde as frutas frescas até os grãos e carnes, foi selecionado com cuidado para garantir que tivéssemos uma alimentação saudável e nutritiva durante a viagem.

Com todos a bordo e os preparativos concluídos, o *Leviatã II* estava pronto para zarpar. A antecipação era palpável enquanto nos preparávamos para iniciar nossa jornada em busca do lendário crocodilo da Amazônia.

Navegamos ao redor da Ponta da Glória, e logo estávamos de frente para uma das vistas mais icônicas do mundo: o Pão de Açúcar. A majestosa montanha se erguia diante de nós, um lembrete impressionante da beleza natural do Brasil. Minutos depois, passamos pelo litoral de Maricá, com suas praias douradas e águas azul-turquesa.

Aproveitei a oportunidade para me aproximar de Silmara. Ela estava de pé na borda do iate, olhando para o horizonte com uma expressão pensativa.

- Como está minha afilhada? - perguntei, referindo-me à pequena Laura.

- Ela vai bem. Sempre perguntando pelo senhor. - respondeu Silmara, com um sorriso carinhoso.

- Ela é minha princesinha. - eu disse, pensando na pequena Laura com carinho.
- Nossa princesa. - corrigiu Silmara, enfatizando nosso vínculo compartilhado com Laura.

A conversa então, mudou de direção.

- Então você é a guarda-costas de nosso guarda-costas? - perguntei, brincando sobre o papel de Silmara na viagem.
- Não sou guarda de nada. Não nasci para vigiar ninguém.
- respondeu Silmara, com uma risada.
- Mas sei que vai manter sua irmã bem informada. - eu disse, insinuando que Silmara estaria de olho em Rogério para Silvana.
- Vai achando, sr. Álvaro. Eu não sou dessas, não. Vim só para passear mesmo. - respondeu Silmara, com um sorriso travesso.
- Sei... - eu disse, rindo junto com ela. Sabia que a viagem seria interessante com Silmara a bordo.

Não demorou muito para que a primeira emergência médica da viagem ocorresse. Na primeira parada que fizemos para um banho de mar revigorante, enquanto muitos de nós nadávamos alegremente em volta do barco, Jair teve um encontro inesperado com algumas águas-vivas.

Ele se aventurou um pouco mais longe do barco, e acabou se metendo entre elas. Em meio ao caos do ataque, um raio de esperança surgiu. Um pescador local, que por acaso passava com seu barco perto de onde estávamos, percebeu a situação de perigo. Ele era um homem robusto, com a pele bronzeada pelo sol e as mãos calejadas pelo trabalho duro no mar.

Sem hesitar, o pescador agiu. Pegou uma corda que estava em seu barco e a jogou na direção de Jair. Ela caiu perto dele, flutuando na superfície da água.

Jair, apesar da dor e do susto, conseguiu agarrar a corda. Com um esforço tremendo, ele se segurou, enquanto o pescador puxava a corda, trazendo-o para mais perto de seu barco.

Foi um momento de alívio intenso, quando nosso amigo foi finalmente puxado para o barco do pescador. Ele tinha levado várias ferroadas e emergiu da água com marcas vermelhas e inchadas nos braços, pernas e peito. Embora ainda estivesse sofrendo com as queimaduras, ele sorria, enquanto o pescador o trazia de volta à segurança do iate.

Felizmente, tínhamos a dr^a Aleida conosco. Com mãos firmes e um olhar concentrado, ela tratou as queimaduras de Jair, garantindo que ele estivesse confortável, pois nos disse que as queimaduras não eram graves.

Após receber os primeiros socorros, Jair passou o restante do dia na sala de estar do iate. Ele estava um pouco abatido, mas ainda em bom espírito. Passou o tempo mudando os canais da TV sem parar, procurando algo para distrair a mente do desconforto.

A experiência serviu como um lembrete para todos nós, dos perigos potenciais que enfrentaríamos em nossa jornada. Mas também reforçou a importância de cuidarmos uns dos outros, de estarmos preparados para qualquer eventualidade. E, apesar do incidente, o espírito da equipe permaneceu inabalável. Estávamos prontos para enfrentar o que quer que a expedição nos reservasse.